

DANIEL ROCHA



A câmara lamenta a falta de investimentos do Governo

## Serviços de saúde em Odivelas à beira da ruptura

Faltam clínicos e instalações estão degradadas, conclui estudo municipal

CATARINA SERRA LOPES

A Câmara de Odivelas apresentou ontem as conclusões de um estudo sobre o perfil da saúde no concelho, que revelam graves problemas no município nesta área, sobretudo ao nível de instalações médicas degradadas e falta de profissionais.

O estudo, realizado com base em dados recolhidos entre 2000 e 2003, mostra que, das nove unidades de saúde existentes no concelho, cinco funcionam em edifícios de habitação, apenas duas dispõem de elevadores e só três têm rampas de acesso para cadeiras de rodas.

Por outro lado, ao nível dos recursos humanos existentes, em 2000 havia 313 clínicos a trabalhar na área da saúde em Odivelas, um número que caiu para 277 profissionais em 2003. Destes, 91 são médicos e 67 são enfermeiros. Feitas as contas, em Odivelas existe um médico para 1471 utentes, quando a média nacional se cifra em um clínico para 1359 utentes.

José Esteves, vereador com o pelouro da Saúde na Câmara de Odivelas, concluiu que as unidades de saúde no concelho estão a

chegar "a uma situação de ruptura" e responsabilizou os sucessivos governos pelo actual estado de coisas, que atribui à falta de investimentos da administração central nesta área.

Para fazer face às situações mais urgentes — Odivelas, Póvoa de Santo Adrião e Pontinha —, a autarquia tem vindo a ceder terrenos para construção das unidades médicas e "até já se disponibilizou junto do Governo para arrancar com as obras de construção, pedindo em contrapartida que o poder central se comprometa a avançar com os financiamentos respectivos em datas a acordar", segundo José Esteves.

"Todos estes centros de saúde já estiveram várias vezes com as verbas inscritas em PIDDAC e nunca foram para a frente, o que nós leva a crer que temos que ser nós, município, a apresentar as soluções", defende o autarca.

O estudo apresentado ontem revela também que Odivelas não é um concelho tão jovem como sempre se pensou: 11,9 por cento da população tem mais de 65 anos e existe um decréscimo significativo nos últimos anos no número de jovens que habitam no concelho. De 1991 a 2001, o grupo etário dos zero aos 14 anos perdeu 6321 indivíduos, enquanto o grupo etário acima dos 65 anos aumentou em mais 5693 pessoas. ■

## Contradições no julgamento de corrida ilegal de automóveis

Acidente em Setembro de 2004 matou três pessoas em Palmela

CLAUDIA VELOSO

Várias contradições entre os depoimentos marcaram, ontem, a segunda sessão do julgamento que senta no Tribunal de Setúbal três jovens envolvidos numa corrida ilegal de automóveis, que resultou na morte de outras três pessoas, em Setembro de 2004.

Juiza e Ministério Público insistiram na descrição do cenário do acidente — uma estrada conhecida como "recta do picanço", perto de Palmela —, na velocidade a que seguiriam, no autor da ideia de fazer a corrida e nos motivos que levaram ao despiste do carro conduzido por Neutel Mendes, mas a rapidez com que tudo aconteceu parece dificultar o relato dos acontecimentos.

Marcos Juvenal, o condutor do Peugeot 205 que fazia a corrida com Neutel, lembra-se de ouvir o barulho dos pneus e de, pelo espelho retrovisor, ver o carro a sair fora da estrada em direcção às pessoas. Antes de travar, reconhece, ia a "uns 120 quilómetros por hora, em terceira velocidade".

Neutel Mendes e Carlos Fonseca — que ontem afirmou que o Peugeot 106 GTI emprestado a Neutel é, afinal, propriedade da mãe da ex-namorada — seguiram atrás e terão travado a

"quatro metros" da assistência. Surpreendida com a resposta, a juiza pediu para Marcos Juvenal precisar a distância, tendo como referência a sala de audiências. "umas três salas destas", disse Juvenal.

Carlos Fonseca disse também não ser grande amigo de Neutel, apesar de lhe ter emprestado o carro. "Bebe-mos café uma ou duas vezes", contou. Ontem, durante a pausa no julgamento para almoço, os três arguidos e respectivas famílias almoçaram juntos num restaurante nas imediações do tribunal.

Já durante a tarde, foram ouvidas quatro testemunhas arroladas pela acusação, que também pouco disseram sobre os contornos do acidente. Estavam presentes e tinham noção dos riscos, mas não se lembram de pormenores. Um dos jovens interrogados garantiu mesmo ter ficado com "amnésia" em resultado do traumatismo craniano que sofreu.

A próxima sessão ficou marcada para dia 19 e a defesa vai insistir na tese do homicídio por negligência. Neutel Mendes está acusado de sete crimes, entre os quais três de homicídio voluntário. Carlos Fonseca é acusado dos mesmos crimes, sob a forma de participação e cumplicidade. Marcos Juvenal vem acusado de um crime de condução perigosa agravado pelo resultado e de um crime de condução sem habilitação legal. ■

## Construções no Guincho podem valer queixa à IGAT

A presidente do Grupo Ecológico de Cascais (GEC), Paula Mascarenhas, admitiu segunda-feira apresentar queixa à Inspeção Geral da Administração do Território (IGAT) por causa das construções no Guincho que um relatório de duas comissões da Assembleia Municipal de Cascais considerou legais.

"Vamos escrever ao director do Parque Natural de Sintra-Cascais e falar com os advogados. Se for necessário, apresentaremos o problema à IGAT", disse a ecologista.

O GEC apresentou uma petição à assembleia municipal para a reavaliação das construções, o que motivou um relatório das comissões de Assuntos Jurídicos e Petições e de Ordenamento do Território, que concluiu pela legalidade dos processos.

"Surpreendeu-me", disse à Lusa Paula Mascarenhas, comentando as conclusões do relatório, aprovado por unanimidade em assembleia municipal. "Apesar de os lotes terem recebido parecer favorável do Parque Natural

de Sintra-Cascais, é surpreendente que existam este tipo de construções naquele local", explicou a ambientalista.

Na petição, o GEC solicitava uma reavaliação dos processos de duas vivendas na Figueira do Guincho, atendendo ao facto de se situarem "em categoria de espaço urbano de baixa densidade e espaço urbano histórico, com índices de utilização e ocupação demasiado elevados para este aglomerado".

A petição instava também a assembleia municipal a adotar "medidas preventivas para proteger a paisagem, a identidade histórica da Figueira do Guincho e a qualidade de vida dos seus habitantes". Apesar do relatório ter sido aprovado por unanimidade, a deputada municipal do Bloco de Esquerda Maria Clara Andrade frisou "a visível descaracterização do local" onde se situam as construções. O deputado municipal Alexandre Faria sublinhou, por seu turno, os obstáculos que os dirigentes do GEC disseram enfrentar no acesso aos processos em causa nos serviços camarários. ■

## Risco de derrocada encerra Hemeroteca de Lisboa

Peritagem decidirá hoje futuro do edifício. Director garante que estão a ser equacionadas alternativas

ANA HENRIQUES

O risco de derrocada do palácio do Bairro Alto onde se encontra fez encerrar ontem a Hemeroteca de Lisboa, que é a segunda maior biblioteca de publicações periódicas do país. Uma peritagem a efectuar hoje traçará um diagnóstico definitivo sobre a necessidade de o edifício permanecer encerrado por razões de segurança.

Com uma média de 130 a 140 utilizadores por dia, a hemeroteca — que disponibiliza jornais, revistas e outros periódicos desde 1715 até aos dias de hoje — já nem sequer devia estar no velho Palácio Marquês de Tomar. Mas atrasos de vária ordem nas obras do edifício do jornal *Record*, para onde devia ter mudado há dois meses, fazem com que os 500 mil volumes de publicações que compõem o acervo da instituição estejam em risco de ficar sem casa.

Paradas há cerca de três meses, as obras no antigo *Record*, na Rua da Atalaia, também no Bairro Alto, só ficarão prontas daqui a um ano, na melhor das hipóteses. Os trabalhos de reforço da estrutura do edifício, destinados a prepará-lo para a pesada tarefa de acolher parte do acervo da hemeroteca, ainda nem sequer começaram. Farão parte de uma segunda empreitada, cujo concurso não foi ainda lançado. A Câmara de Lisboa, de que a instituição depende, não sabe explicar por que razão foi interrompida a obra que se encontrava em curso.

Os seus frequentadores não vão ter de esperar um ano ou mais para voltarem a poder consultar jornais e revistas antigos caso a peritagem de hoje — que será efectuada por engenheiros da autarquia — decida o encerramento do palácio ao público, assegura o director

da Hemeroteca de Lisboa, Álvaro Matos.

Parte das publicações aqui disponíveis podem também ser consultadas na Biblioteca Nacional, no Campo Grande. Por outro lado, existe a possibilidade de os jornais e revistas requisitadas pelos leitores passarem a ser consultados noutras bibliotecas municipais da cidade, enviados para ali pela hemeroteca. A consulta só poderá, no entanto, ocorrer 24 a 48 horas após o pedido ser feito.

### Mau tempo potenciou riscos

Foi nesta segunda-feira que os responsáveis da hemeroteca detectaram novas e preocupantes fissuras no já degradado Palácio Marquês de Tomar. Nalgumas paredes, os testemunhos ali colocados — peças habitualmente postas sobre as rachas dos edifícios para detectar eventual perigo de desmoronamento — apresentavam-se deslocados, embora não estivessem partidos. Segundo um comunicado da Câmara de Lisboa, para isso terão contribuído as condições climáticas que se fizeram sentir nas últimas semanas.

"Por razões de segurança, e para evitar danos materiais e pessoais, o pelouro da Cultura determinou o encerramento temporário da hemeroteca", explica o documento. "A decisão decorre de uma avaliação feita pelos Sapadores Bombeiros. O diagnóstico preliminar indica a possibilidade de uma derrocada iminente de parte das áreas públicas e de depósito do edifício."

Quando a hemeroteca se mudar finalmente para a Rua da Atalaia, de onde só sairá depois de o palácio estar completamente recuperado, o que demorará vários anos, os leitores terão vida dificultada. O edifício do *Record* não tem capacidade suficiente para albergar todo o acervo da instituição, pelo que só estarão disponíveis para consulta imediata as publicações habitualmente mais requisitadas. As restantes coleções ficarão armazenadas noutra local e a sua leitura terá de ser pedida com antecedência. ■

TEATRO POLITEAMA

A canção de Lisboa

Musical de FILIPE LA FERIA

M/6 A/6

Reservas: 213210043 / 213210052 • 964409036